

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

António Pereira Lopes

registada em 2008-09-18
por

Carla Aguiar e Jenny Campos

António Pereira Lopes

António Pereira Lopes nasceu na Foz d'Égua, a 9 de Fevereiro de 1962. O pai chama-se António Cónego Lopes e a mãe chamava-se Laurinda Lopes Pereira. Dedicavam-se à agricultura. “Semeava-se milho, feijão, batatas, couves, nabos, tudo o que se precisava para comer.” Depois de casado o pai foi resineiro. António tem três irmãos, dois rapazes e uma rapariga. Aos 12 anos andava na escola. Fez a escola primária e depois andou na telescola e fez o segundo ano. Quando saiu da escola foi logo para as obras, para a construção civil. Em 1978 foi para a resina, à volta do Torno. “Tirava a resina dos pinheiros, enchia bidões e depois vinham cá buscá-la para Arganil.” Também foi estafeta do correio, até há quatro ou cinco anos. Actualmente ainda cultiva “para gastos da gente e para dar aos animais”.

Índice

Identificação António Pereira Lopes.....	4
Ascendência António Cónego Lopes e Laurinda Lopes Pereira.....	4
Casa Uma palheira.....	4
Infância A pastar os animais.....	5
Educação Uma escola com poucas possibilidades.....	5
Religião Padre de oito em oito dias.....	7
Filosofia Solteiro e bom rapaz.....	8
Percurso profissional Trabalho duro.....	8
Quotidiano "Como era antigamente".....	9
Costumes O que é caseiro é bom e faz bem.....	9
Lugar Ontem e hoje.....	12
Sonhos "Não ambiciono ter muita coisa".....	14
Avaliação "Importante é as pessoas saberem".....	14

Identificação *António Pereira Lopes*

Chamo-me António Pereira Lopes. Nasci na Foz d'Égua a 9 de Fevereiro de 1962. O meu pai e a minha mãe estiveram lá, mas foi só um ano. Depois vieram para o Torno. Construíram a casa e depois vim também. Cá fiquei.

Ascendência *António Cónego Lopes e Laurinda Lopes Pereira*

O meu pai chama-se António Cónego Lopes e a minha mãe Laurinda Lopes Pereira. O meu pai é de Casas Figueiras, freguesia de Vide e a minha mãe era do Torno, freguesia de Piódão. A minha mãe nasceu aqui, na Fajoeira. Dedicavam-se à agricultura. Semeava-se milho, feijão, batatas, couves, nabos, tudo o que se precisava para comer.

O meu pai, depois quando casou veio para a Fajoeira, era resinheiro. Era tirar a resina dos pinheiros, na zona do Piódão.

Tenho três irmãos, dois rapazes e uma rapariga. Somos quatro. Os meus irmãos, dois trabalham na construção civil e a minha irmã trabalha em limpeza.

Casa *Uma palheira*

O meu avô vivia no Piódão e tinha aqui esta casa no Torno. Não era uma casa, era uma palheira onde guardavam as coisas antigamente. Só no Verão é que eles viviam aqui. Assim como no Piódão muitos viviam ali por Soito Escuro, lá fora da povoação. Tinham para cultivar o milho e as batatas, tinham lá tudo e lá dormiam. Depois fez a casa mais pequena e tinha o forno do outro lado da barroca.

Broas na água

Quando era para cozer o pão, a broa, tinha um forno noutra banda. Uma ocasião, o barroco estava cheio. Ele trazia as broas numa gamela de madeira, chegou ali, escorregou no barroco e caiu, foram as broas para a água. Depois ainda encontraram as broas lá por baixo, lá no Torno. Era assim que viviam antigamente.

Depois meteu aqui um forno e fez esta casa. Foi ele que rompeu as oliveiras todas até lá ao cima. Aqui era só para a família. O meu avô tinha sete filhos, da parte da minha mãe. Da parte do meu pai eram só dois. A minha mãe já nasceu aqui, julgo eu. Mas os meus tios, alguns, ainda nasceram lá no Piódão.

Casa quente, casa fria

Eu lembro-me da casa dos meus pais ser como é hoje. Só foi levantado mais um andar. Tinha uma cozinha, dois quartos e uma sala. Era em pedra só com a parte de baixo. Em pedra não é fria. A pedra quando é no Verão é fresca e no Inverno é quente. Se for em cimento é que é ao contrário. No Verão é muito quente e no Inverno é fria. A cozinha tinha lareira. A lenha é que não falta aí. Íamos sempre buscar a lenha aqui, às costas. Dependendo do sítio onde se ia, demorava-se aí uma hora, a arranjar a lenha e trazer.

À noite, jogávamos às cartas e conversávamos. Depois de andar na escola, era a ler livros.

Infância *A pastar os animais*

Aqui não havia muitas crianças. A terra foi sempre pequena. Era os meus irmãos, os meus primos e havia mais três. Não havia mais crianças.

Os meus pais sempre tiveram cabras e ovelhas. Quando éramos miúdos, éramos nós que guardávamos os animais. Quando era no Inverno, que o terreno não tinha cultivo, a gente pastava o gado, quando era no Verão íamos para o monte, aqui à volta. Já há muitos anos que não neva mas quando nevava, as cabras ficavam nos currais, nos abrigos. Às vezes, quando tínhamos o gado que não era ao pé da porta é que era difícil. Quando acordávamos ao outro dia de manhã estava tudo tapado de neve. Íamos com umas galochas, tratar delas. Deitar para a rua não se podiam deitar.

Educação *Uma escola com poucas possibilidades*

Aos 12 anos ainda andava na escola. Fiz a escola primária e depois andei na telescola, fiz o segundo ano. Isto aqui também não dava. Tinha de ir para Arganil porque aqui não havia escola. Depois as possibilidades se existissem... mas não existiam. A gente fazia falta para fazer isto ou fazer aquilo.

De segunda-feira a sábado

Na escola, a gente tinha que se levantar cedo. Era às nove horas no Piódão e tínhamos que ir a pé. Quando era no Inverno íamos de noite. Era uma hora de caminho. A estrada antigamente não havia. A escola era ao pé de onde é a estalagem agora, mais abaixo. Agora até ardeu. Era ali que a gente ia à escola. Começava às nove, até às três horas e até ao sábado tínhamos escola, até ao meio-dia.

A cantina

Em princípio, quando eu entrei para a escola tínhamos que levar de comer. Levava uma saca de pano feita de bocados, de quadrados. Não era uma saca lisa. Era uma saca com um bocadito daqui, outro dali, depois pegavam aquilo tudo e faziam uma saca. Levava-se o que havia. Batatas fritas e ovos. Mas depois fizeram lá a cantina e já almoçávamos lá.

"Se fosse agora aprendíamos melhor"

Tive sempre professoras. Das primeiras já não me recorda. Mas tive uma que casou ali no Piódão. Essa foi a que esteve mais tempo lá. Até ensinava bem. A gente é que, às vezes, éramos cábulas, não aprendíamos. Se fosse agora aprendíamos melhor.

Escrevíamos numa pedra. Havia pedras a vender nas lojas no Piódão. Não me recordo quanto é que custava mas havia pedras e cadernos a vender e a gente comprava.

Não me lembro de me portar mal mas os outros é que podem julgar a gente. Na altura era permitido bater. Quando fazíamos redacções e dava erros, cada erro sua reguada. O que eu gostava mais era de Ciências e História. Quando acabava a escola se ainda fosse cedo, ainda fazíamos qualquer coisa, guardar as cabras ou assim. Se não fosse, fazíamos trabalhos quando marcava para fazermos em casa. Às vezes, nem os fazíamos. Depois chegávamos à escola, quando era para fazer a numeração romana a professora dizia:

- "Façam a numeração romana para casa até 2000 ou até 3000. "

A gente depois era na brincadeira não fazia. Quando era à noite é que íamos fazer. Depois era de dez em dez, sempre a aviar. Chegava lá, ela via, punha-se

atenta, via, pumba. Às vezes, ao fim-de-semana, não fazíamos e depois tínhamos que fazer tudo num dia.

A paixão pelos livros

Já ao fim quando tinha aí 12, 13 anos é que comecei a ler. Gostava muito de ler livros. Agora veio a televisão nunca mais li um livro. Gostava de romances. Tenho colecções do Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, Eça de Queirós e tenho mais livros. Gostava deles todos. Lia para a família. Estava até à meia-noite a ler. Lia o Crime do Padre Amaro, também. Quando veio o filme, já eu sabia o filme, já o tinha lido. O Amor de Perdição, Júlio Dinis, tenho-os todos. Quando andava na escola já trazíamos livros porque havia biblioteca na escola. Depois ia-os lendo, levava-os novamente. Mas depois, deu-me na cabeça, comecei a comprar.

Brincadeiras e brinquedos

Na escola brincávamos à apanhada. Usávamos, às vezes, fiskas que era para atirar pedras. O finto, que atiravam também uma pedra uma para a outra. Era assim, brincadeiras.

Os brinquedos fazíamos carritos de madeira, com rodas de madeira. Cortávamos uns rolozitos e fazíamos assim. Não havia mais nada. Não havia como agora. Na escola nem era com uma bola, era com uma pinha. Jogávamos com uma pinha. E assim rompíamos as botas todas e os sapatos. Também estragávamos os guarda-chuvas. Púnhamos na água, era o moinho. Aquilo partia-se tudo. Brincávamos com qualquer coisa.

As botas derretidas

Pensáramos uma ocasião ir descalços para o Piódão, para a escola. Deixei as botas de borracha, fomos descalços. Estiveram lá dois dias numa moiteira ao sol até se derreteram. Eram brincadeiras estúpidas.

Religião Padre de oito em oito dias

Íamos à catequese só ao domingo ao Piódão. Já nem me recorda quem é que ensinava. Na altura estava um padre a residir no Piódão. Esteve lá quatro

anos. Agora não há, vem cá só de oito em oito dias. Ainda vou à missa todos os domingos. Vou de motorizada.

Filosofia *Solteiro e bom rapaz*

Sou solteiro. Há um ditado que diz:

- "Se te casares arrependes-te, se não te casares arrependes-te."

Mas pronto. A gente se chegar aí aos 50 ou 60 anos e se se arrepender ainda se pode casar. Agora ao fim de se casar, para se descasar já é mais complicado. Agora também se descasam com facilidade.

Percurso profissional *Trabalho duro*

Quando saí da escola fui logo para as obras, para a construção civil. Andei ali em Casas Figueiras, mas o patrão era da Foz d'Égua. Devia ter aí uns 15 anos talvez. Agora não se podia, era proibido.

O trabalho na resina

Fui para a resina em 1978. Era aqui à volta do Torno também. A gente tirava a resina dos pinheiros, enchia bidões e depois vinham cá buscá-la para Arganil. A resina dava para aguarrás, para alcatrão, dava para muitas coisas. Acho que até para tinta. Na resina a gente saía de manhã cedo. Aí também levava a bucha numa saca, era o almoço. Comíamos ao meio-dia ou à uma hora e depois só vínhamos comer à noite. Isto era no Verão, que no Inverno não havia. No Verão chegávamos a casa às nove, dez horas da noite e aí é que comiam. Depois ardeu o pinhal, acho que há 20 anos, perto disso, acabou-se a resina.

Estafeta dos correios

Andei também de estafeta do correio. Andava de motorizada. Deixei isso há quatro ou cinco anos. Ia buscar as malas a Vide e deixava ali no Piódão. Depois ia à Malhada Chã também entregar. Na Malhada Chã não tem distribuição. Era na loja, lá numa taberna. Eu levava a mala ali e as pessoas davam conta de eu lá chegar e vinham lá. As pessoas liam ali as cartas à porta e cada um levava a sua. Agora o correio vem por o outro lado, o lado de Côja mas ainda é assim. Acho que ainda não tem distribuição.

Quotidiano "Como era antigamente"

O dia na aldeia agora é como era antigamente. Ainda cultivo, tenho cebolas, ervilhas, pimentos, alface. Não dá para vender. É para gastos da gente e para dar aos animais. Ainda tenho umas cabritas. Agora levanto-me de manhã e ainda vou ao mato como ia antigamente, com uma roçadeira. Vou buscar o mato para as cabras. Depois faço qualquer coisa. Gosto de ver a televisão. Antigamente, gostava de ler. Estava até à meia-noite a ler e com um candeeiro a petróleo.

Costumes *O que é caseiro é bom e faz bem*

"De tradição"

O milho era com o que a gente se sustentava. Não havia padeiros como agora. Apanhava-se o milho e malhava-se. Era com um pau, a bater para sair o grão e punha-se a secar. Depois ia para o moinho para fazer farinha. Cozia-se o pão e era broa que dava para oito dias. Já era a mãe da minha mãe que fazia a broa e depois passou para a minha mãe. Vem de tradição. Ainda me lembro de eu pôr as broas. Punha no forno. O forno era também à lenha para se aquecer. Começando a estar vermelho lá por dentro, a ficar branco estava quente e punha-se a broa a cozer. Demorava aí uma horazita, pouco mais ou menos. Depois já nunca mais se usou. Vieram os padeiros, acabou-se a broa.

Forno e broa emprestado

Aqui na Fajoeira éramos só nós a cozer mas, às vezes, havia pessoas que vinham do Torno aqui cozer. Por exemplo, vinham cá pôr três ou quatro broas. Então, furavam com um dedo, para depois conhecerem a broa que era deles. Quando, às vezes, a pessoa não tinha possibilidades, vinha aqui e a gente podia ir a outro lado também.

Quando a gente não tinha broa ia pedir aos vizinhos. A broa dava para oito dias mas, às vezes, comia-se mais e acabava. Então, ia daqui lá em baixo ao Torno, às vezes até já de noite, íamos lá pedir. Depois a gente cozendo íamos lá levar a broa outra vez.

"Um queijinho"

As comidas é o que se faz em geral noutro lado. O queijo fazia a minha mãe, agora faço eu. Ordenha-se as cabras, depois cõa-se o leite com um pano, para não ir os cabelos nem a sujidade, mete-se uma panela e põe-se um bocado de coalho ou cardo. O cardo dizem que se tira de uma planta silvestre. Às vezes, aqui até cultivam mas no Alentejo há plantas daquelas sem ser cultivadas. Depois tiravam, punham a secar e aquilo é que dava para coalhar o leite. Se usar cardo, tem de ser num pano também, coado como se cõa o leite. Se for o coalho aquilo desfaz-se. Depois aquilo está ali um tempo, até ficar coalhado e põe-se o acincho. É um arco de metal. Agora até há em inox para não enferrujar. Depois espreme-se com as mãos, calca-se, o soro sai e fica um queijinho. Tem de se pôr sal ao fim em cima do queijo. Depois ao outro dia vira-se o queijo e põe-se sal do outro lado. Fazem de manhã, à noite pode-se comer. Se o quiserem comer duro têm de deixar estar, 20 ou 30 dias para ficar seco. Se quiserem comer em fresco, passado um dia ou dois pode-se comer.

Quando era no tempo da minha mãe, misturavam o leite das ovelhas com o das cabras. Coalhava melhor. O leite das ovelhas é melhor que o das cabras, é gordo. O queijo das cabras é considerado queijo magro, não faz mal. Os médicos aconselham a comer queijo de cabra.

Com caroço, casca e tudo

No Inverno a gente entretinha-se no campo. Cavava oliveiras e assim. A gente apanhava a azeitona e ia levar ao lagar aqui na Foz d'Égua. Levávamos as azeitonas às costas, também não havia estrada. Íamos lá levar, ao pé da ribeira. É onde está a represa, lá é que era o lagar. Havia outro no Piódão mas tudo acabou.

Levava-se a azeitona para o lagar, depois lá era triturada e dava o azeite. A azeitona só dava azeite com o caroço e com a casca. Depois aquilo mói-se, anda lá uma hora, três ou quatro e depois tira-se de baixo para cima. Mete-se numas seiras. Depois vai para a tarefa e com água quente a ferver ali está. A tarefa é do género de um pote. Aquilo tem um pote, um por baixo outro por cima, depois vai-se deitando água para o azeite vir para cima. Por baixo fica água e o azeite vem todo para cima. Depois dali é que se mede o azeite para as pessoas. Ao fim, dali tira-se também azeite para pagar. Em cada dez, um litro era para o dono. Era a forma de se pagar. Uma vez deu 102 litros, ou qualquer coisa. Depende, há anos que dá mais, outros dá menos. Agora paga-se mas antigamente não. Ao fim já arranjam outras modernices. Antigamente, era com uma candeia do próprio azeite. Ultimamente era com luz, já se tinha que pagar a luz. Agora tem de ir

de carro, ali para os lados de Oliveira, para os lados de Arganil. A gente ainda apanha e ainda vamos moer. Temos é de ir lá para longe, para a Bobadela.

Vinho e aguardente

Para o vinho tenho uma dorna para esmagar os cachos. Mais do que uma. Antigamente era a pé, agora não, tem o esmagador. Antigamente enchia-se a dorna e depois de encher saltava lá um. Tomava banho e depois pumba, ia lá para dentro calcar as uvas e esmagar aquilo tudo. Era o meu pai a calcar. Mais tarde, arranjámos um esmagador. Já não é preciso lá ir para dentro.

O meu pai ia ao Torno fazer a aguardente de medronho e o meu avô também ia lá. Tinham que dar, diziam que era um litro de aguardente por cada alambicada.

A aguardente se for de vinho é com os restos do cardaço que fica. As uvas são esmagadas, depois tira-se o vinho e ficam os restos das uvas. Depois a gente deita para o alambique e aí se tira a aguardente. A de vinho é só encher o alambique. Mete-se o cardaço, aquilo tem uma cabeça, e mete-se logo a cabeça por cima. Tem de ter é uma frieira. Estar sempre ali um coiso cheio de água, por onde passa o cano, para a aguardente sair fria. A aguardente de vinho é rápido de fazer. A gente é só tirar o vinho, pode-se fazer logo. A de medronho essa é que leva muito tempo.

A aguardente de medronho tem de se mexer, mexer sempre para não se agarrar. A de medronho é massa. É como o arroz numa panela, senão mexer também se agarra. A gente tem de mexer, mexer, mexer até aquilo estar cozido. Estando cozido, que esteja a escaldar, mesmo a escaldar é que se mete então a cabeça. Depois a gente mete numa dorna, numa barrica e tem de fermentar. Ao fim de fermentada é que a gente faz. Demora um mês ou dois. Tenho uma dorna que já o enchi e fiz 150 litros de medronho. Não convém sair quente, a aguardente fica estragada, fica esturrada. Tem de sair fria. Aquilo está sempre a deitar mas deita pouquinho, só em fio, não pode deitar muito. Demora sei lá quanto tempo. Eu cheguei a estar noites inteiras para tirar dez, 12, 13 litros. Não podia dormir. Aquilo tem de estar a chama mais ou menos certa. A gente mete torgas lá para dentro e se depois as torgas se acenderem, a gente tem de estar atento porque começa a deitar muita aguardente. E se deita muita começa a sair fumo e a sair tudo. Aquilo não pode sair fumo. Agora já há luz. Antigamente era sem luz. Ainda há pouco comecei a fazer aguardente. Antigamente não ligava a isto.

Terapia do mel

Para as constipações só mel. Eu tenho colmeias. Mas agora só tenho duas, morreram todas. Costuma-se tirar o mel em Julho. Quando aquilo estiver cheio já se pode crestar. Só que tem de se ver se já tem mel ou não. Abre-se e tiram-se os quadros. Se for um cortiço tem de ser com uma coisa para cortar o mel, os favos que tem dentro. Não se pode tirar tudo, tem de se lá deixar um bocado para as abelhas. Tira-se para dentro de balde ou uma panela. O dos cortiços é espremido com a mão também. Depois quando traz abelhas a gente espreme e elas mordem nas mãos. Já me morderam muita vez. E às vezes mordem em sítios que dói. Já uma vez me mordeu uma mesmo dentro do olho.

Festividades

Eu também ia às festas. A festa no Piódão era em Agosto. Havia também o Corpo de Deus e o São Pedro. Nas festas, havia procissão e havia mais gente que há agora. Até quando era em Agosto faziam a procissão das velas, à noite. A procissão ia até ao Outeiro. Saíam da igreja, até ao pé do cemitério, depois davam a volta outra vez para a igreja. O cemitério é aquele que fica lá no Piódão ao lado. Onde vai o caminho para os Chãs d'Égua. Havia leilões. Leiloava-se os produtos da terra. Garrafas de aguardente de medronho, bagaço, chouriços, queijos, o que havia. Coelhoos, galinhas. As pessoas o que tinham, ofereciam e depois leiloavam.

O ramo maior

Aqui no Torno nunca houve festa. Vinha cá o padre quando era pela Páscoa, com a Cruz para beijarem. Agora ainda vem mas já não é o padre, é o leigo.

Íamos ao Piódão benzer o ramo e tentávamos levar o ramo maior. Às vezes, chegávamos ao loureiro, cortávamos quase metade do loureiro. Depois ficava lá, todo estragado. Era tradição levar o loureiro. Agora já se leva, às vezes, um ramo de oliveira.

No dia de Santa Cruz, com esse ramo benzido, parte-se um pau, faz-se uma cruz e põe-se nos terrenos, nas propriedades para aquilo ficar bento. É uma tradição. Eu já ao tempo que não faço até. Até me esqueço. Mas antigamente fazia-se.

Lugar *Ontem e hoje*

O correio ao domingo

No tempo dos meus pais não havia correio. Antes do senhor Fontinha ser carteiro não havia distribuição aqui. O correio vinha para o Piódão e as pessoas daqui, quando era domingo, é que iam lá levantar as cartas. Também pouca gente escrevia e pouca gente também sabia ler. Então, poucas cartas mandavam.

"Médico de oito em oito dias"

O médico era quando ele vinha ao Piódão, de oito em oito dias. Se tivesse uma dor procurava um médico, onde houver. Em geral, a minha mãe tinha de ir ao Alvôco. Não era o médico de família mas pronto. Ia de carro. Mas no tempo deles havia um médico na Vide. Ia-se a pé e, às vezes, mandavam cá vir o médico. E havia um médico ali na Ponte das Três Entradas que estava em Avô, também vinha ao Piódão muita vez. E vinha aí à Foz d'Égua quando o chamavam.

"Começando a ir um vão todos"

Antigamente, havia gente e agora não há. Estão as casas e está tudo relva. Antigamente era tudo cultivado. Agora, o que é cultivado é o que a gente aqui tem. Se calhar está mais cultivado aqui que se calhar na freguesia do Piódão toda. As pessoas que moravam aqui no Torno foi tudo embora. Aquilo começando a ir um vão todos. Depois, lá fora é melhor. Para Lisboa e alguns para o estrangeiro. Depois também as pessoas chegam aí, vêm engravatadinhas e dizem:

- "Não! Vou-me também embora."

E chegam aí num carro e aqui não há nada. Depois lá vão-se habituando, pronto. Lá ao fim tem discotecas, têm tudo, aqui não há nada.

Água, luz e telefone

Houve melhorias. Veio a luz, há 20 e poucos anos, 21 ou 22 salvo erro. Antigamente, à noite era um candeeiro a petróleo. Untava-se com petróleo por baixo e depois, com uma torcida de pano, acendia-se e pronto. Tinha um registo para levantar a torcida para dar mais luz ou menos. Era assim. O petróleo

comprava-se no Piódão. Agora ninguém vende mas, antigamente, como toda a gente usava petróleo, havia.

Agora temos água canalizada mas dantes íamos ao barroco. Trazíamos num cântaro. Havia cântaros de barro, que íamos lá a Vide buscá-los, a uma feira que havia todos os meses. Iam a pé lá buscar os porcos e vinham a pé pelo caminho com eles. Viam-se aflitos, demoravam um dia inteiro para cá chegar. Eles, às vezes, enfiavam-se para fora do caminho. Traziam os porcos e tudo o que era preciso. Também iam a Avô. Os porcos ainda me recorda ir a Vide buscá-los. Mas ali a Avô nunca me lembro. Ia-se de manhã e chegava-se à noite. Fazia-se as compras do que era preciso, cestas, panos, trazia-se os potes para o azeite, os cântaros e cântaras de barro, era tudo barro. Ao fim é que começaram a haver os plásticos, acabou isso tudo também. Agora já não há. Uma feira trazia-se uma coisa, outra vez outra. Só se trazia o que se podia. Ia muita gente a Vide. Mesmo daqui, juntavam-se e iam.

Eu tenho telefone mas há pouco tempo. Só havia um público na Foz d'Égua, mas antes era só no Piódão. As pessoas quando queriam, que estavam doentes, era uma pessoa que ia avisar outra ou chamar ao Piódão.

Veio também a televisão e a estrada. Agora já se pode vir de carro. Antigamente não. Era tudo a pé. Agora tenho a motorizada para me deslocar. A Vide demoro dez minutos, antigamente demorava uma hora, uma hora e tal para ir a Vide.

Sonhos "*Não ambiciono ter muita coisa*"

Nunca ambicionei outra coisa. Carro não dá para ter porque não tenho carta e se calhar também já não tenho capacidade de tirar, por isso não vale a pena. Se tivesse estudado se calhar faria falta mas a gente vê tanta gente a estudar e sem emprego. Não ambiciono ter muita coisa.

Avaliação "*Importante é as pessoas saberem*"

Ao fim é que se vê se é bom ou se é mau. Ainda não se sabe. Só depois do tempo passar é que se vai ver. Importante é as pessoas saberem. Mas mais importante é as pessoas ainda terem essas coisas ou fazerem essas coisas. Agora, a gente dizer... O que interessa é as pessoas fazerem. Pode haver pessoas que se dediquem aos rebanhos, mel ou a essas coisas todas. O problema é, às vezes, não poderem e/ou não deixarem. Às vezes, até dizem assim:

- "Eu gostava de fazer uma casa em tal sítio."

Mas é pessoas que é só para vir e isso não interessa. Interessava as pessoas virem, arranjam emprego aí, mas estarem cá. Agora uma pessoa para vir cá só uma vez por ano ou assim, isso não interessa nada para as povoações. As povoações continuam à mesma como são.